

## **ESTUDO SOBRE O APRENDIZADO DE PROFESSORES SOBRE A LEITURA DOS ALUNOS NAS SÉRIES FINAIS DO E.F. SEGUNDO A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL**

FLAVIANA DEMENECH (UNIOESTE - CAMPUS DE FOZ DO IGUAÇU).

### **Resumo**

Este texto refere-se a um estudo preliminar do conceito de aprendizado dentro da Teoria Histórico Cultural (THC). Os processos do aprendizado tornaram-se indispensáveis para esta pesquisa, pois trata da constituição intelectual e mental do ser humano na relação homem/natureza/sociedade. Assim, pretendo explicar elementos desses processos de aprendizado. A THC supera a compreensão de que o ser humano ao nascer, traz um conjunto de aptidões e capacidades acabadas, contudo, acredita que o aprendizado se desenvolve na cultura de cada um, sendo o mesmo, contínuo e desenvolvido ao longo da história do indivíduo. Dessa forma, o homem é simultaneamente obra da natureza e agente da sua transformação no aprendizado. O conceito de aprendizado e educação traz um salto qualitativo para nós, pois estão inter-relacionados desde o nascimento do ser humano, tendo interação com o mundo físico e social. O aprendizado organizado resulta em desenvolvimento mental e coloca em movimento vários processos de desenvolvimento que só podem acontecer relacionando o nível de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal. Salienta-se que Vygotsky, sendo um dos principais teóricos da perspectiva THC, coloca que essa teoria pretende caracterizar e elaborar aspectos do aprendizado do ser humano. Com isso, elaborase e analisa hipóteses da construção do aprendizado ao longo da história humana, da educação e do desenvolvimento de cada um, assim como do professor durante o trabalho com seus alunos. Pretendo neste texto registrar os aprendizados de professores das séries finais do ensino fundamental sobre a leitura com seus alunos em sala de aula. Sabemos que nos processos de aprendizado, adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento, relacionados com a visão de homem, sociedade e saber. Que práticas de leitura em aula estes professores aprenderam para lidar com os alunos adolescentes.

### **Palavras-chave:**

Aprendizado, Educação, Teoria Histórico-cultural.

A seguir uma apresentação do trabalho de pesquisa de Iniciação Científica[1]. Trata-se de um estudo preliminar sobre o aprendizado e as práticas de leitura que os professores utilizam com seus alunos de ensino fundamental, dentro da teoria histórico-cultural (THC). Abordarei as contribuições e os processos do aprendizado, colocando em questão a educação, leitura e o ensino escolar.

A THC é formada no indivíduo por sua interação cultural que constrói assim seu desenvolvimento mental que está relacionado ao aprendizado. O conceito de aprendizado tornou-se relevante nesta pesquisa para compreensão do quanto é fundamental dar ênfase ao processo histórico do desenvolvimento mental no meio social-cultural que vivemos. Esse é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas, segundo a perspectiva THC. Pretendo mostrar que o aprendizado humano é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações em seu meio social.

Nesta fase inicial e bibliográfica da pesquisa relacionarei os elementos chaves dos conceitos da THC enfatizando na discussão às obras de Vigotski. Ele foi o primeiro

psicólogo moderno a sugerir os mecanismos pelo qual a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa. Este autor buscou compreender as características do homem através do estudo da origem e desenvolvimento da espécie humana, tomando como categorias o surgimento do trabalho e a formação da sociedade humana.

### **Conceito de teoria histórico-cultural (THC)**

A THC tem como objetivo principal, "caracterizar os aspectos tipicamente humanos do comportamento e elaborar hipóteses de como essas características se formaram ao longo da história humana e de como se desenvolvem durante a vida de um indivíduo" (VIGOTSKI, 1994: 25).

O homem é um ser de natureza social o que demonstra desta forma sua inteligência, linguagem, personalidade, cultura, percepção, motivação, consciência humana, adquirida em seu meio.

Ao falarmos desta teoria respectivamente devemos comentar sobre a cultura, sabendo que o aprendizado se desenvolve na cultura de cada um. Há dois aspectos de cultura criada ao longo da história, a de forma material e a de não-material. Sendo a cultura material constituída pelos instrumentos de trabalho e a cultura não-material por hábitos e costumes de um povo. Então, o ser humano depende do que conhece, aprende e utiliza da cultura acumulada se constitui do que absorve, apropria e reelabora no decorrer da sua vida, segundo o autor (OLIVEIRA, 2005):

O sujeito humano é constituído por aquilo que é herdado fisicamente e pela experiência individual, mas sua vida, seu trabalho, seu comportamento também baseiam claramente na experiência histórica e social, isto é, aquilo que não foi vivenciado pessoalmente pelo sujeito, mas está na experiência dos outros e nas conquistas acumuladas pelas gerações que o procederam (p. 11).

Nesta teoria os conceitos são entendidos como um sistema de relações e generalizações contidas nas palavras, sendo construções culturais, que ao longo do processo de desenvolvimento do indivíduo é estabelecidas por elementos do mundo real.

Na perspectiva da THC, a cultura engloba uma multiplicidade de aspectos cujo denominador comum é o ser humano e, portanto, portador de significação, assim como revela o caráter duplamente instrumental da atividade humana. Essa cultura também está relacionada com a natureza, assim, o homem é simultaneamente obra da natureza e agente da sua transformação no seu desenvolvimento, e respectivamente no seu aprendizado.

A tese do desenvolvimento cultural tem implicações importantes para compreender o papel singular e insubstituível da mediação na apropriação da experiência culturalmente acumulada.

## **Processos de aprendizado na abordagem de Vigotski**

A alfabetização, para THC, tem como fundamento básico a concepção de linguagem como interlocução muito mais do que ensinar as relações entre letras e sons. Devemos ser cautelosos ao adotarmos uma abordagem que ignora a experiência de vida, a história, a linguagem dos alunos na hora da leitura. Pois, o texto é visto como um conjunto de pistas, de elementos, de informações menos ou mais contínuas que podem ser recuperadas ou compreendidas pelo leitor.

O aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas. É o processo pelo qual o indivíduo adquire informações disponíveis e necessárias para o seu tempo, isso, a partir de seu contato com a realidade, meio ambiente e com outras pessoas, sendo essa interação essencial. Segundo o autor (VIGOTSKI, 1994):

O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de capacidade para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera nossa capacidade global de focalizar a atenção; ao invés disso, no entanto, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas (p. 108).

Vigotski (2005) expressa que o processo de aprendizado nunca pode atuar apenas para formar hábitos, mas que compreende uma atividade de natureza intelectual que permite a transferência de princípios estruturais implícitos na execução de uma tarefa para uma série de tarefas diversas.

Esses conceitos de aprendizado em muitos casos são entendidos como sistema de relação e generalização contidas nas palavras, na verbalização, sendo construções culturais que ao longo do processo de desenvolvimento do ser humano é internalizada e estabelecida por elementos do mundo real. Vigotski está referindo-se aquilo que a criança percorrerá num domínio psicológico em constante transformação. A complexidade desse processo dificilmente pode ser explicada apenas através de recortes do todo e qualquer definição está impregnada de pressupostos político-ideológicos, relacionados com a visão de homem, sociedade e saber.

Tendo como ponto de partida desta análise, o aprendizado não é desenvolvimento, pois, os processos de desenvolvimento não coincidem com os processos de aprendizado, uma vez que o desenvolvimento progride de forma mais lenta, indo atrás do processo de aprendizado, ocorrendo de forma sequencial. Entretanto, o desenvolvimento e o aprendizado estão inter-relacionalizados desde o nascimento do indivíduo tendo interação com o mundo físico e social. Estabelecendo a relação homem/cultura/sociedade e fornecendo inferência social, os instrumentos e os símbolos que mediam a relação do homem com o mundo em que vive. Sendo fundamental no processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Entretanto, para haver desenvolvimento é necessário haver aprendizado.

O aprendizado, no cotidiano de cada um, cria as experiências sejam elas, conceitos, idéias, valores, objeto concretos. Analisa-se então que o aprendizado adequadamente organizado e intencionalmente mediado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Na perspectiva de Vigotski, podemos enumerar três posições teóricas sobre a relação desenvolvimento e aprendizado:

Primeira: centra-se em que os processos de desenvolvimento da criança são independentes do aprendizado, ou seja, o aprendizado utiliza os resultados do desenvolvimento.

Segundo: aprendizado é desenvolvimento. O desenvolvimento é visto como o domínio dos reflexos condicionados, pois o processo de aprendizado está completo e inseparavelmente misturado com o processo de desenvolvimento, descrevendo a idéia "O desenvolvimento é concebido como elaboração e substituição de respostas inatas" (VIGOTSKI, 1994: 105).

Terceiro: a relação entre aprendizado e desenvolvimento tenta superar os extremos das outras duas, simplesmente combinando-as. Vigotski questiona e conclui que o aprendizado e o desenvolvimento baseiam-se em dois processos diferentes, mas, que cada um influenciando o outro. O primeiro é a maturação, que depende do desenvolvimento do sistema nervoso e o segundo é o aprendizado, resultando um processo de desenvolvimento. Pois, o processo de aprendizado estimula e empurra pra frente o processo de maturação.

Infere-se, a partir dessa posição vigotiskiana a profunda relação com o ensino, a escolarização e o papel do professor tanto para o aprendizado e desenvolvimento da leitura. Conclui-se da análise de Vigotski que o aprendizado não é desenvolvimento, portanto, o aprendizado organizado resulta em desenvolvimento mental e coloca em movimento vários processos de desenvolvimento que seriam impossíveis de acontecer. Recordamos então, que o estado de desenvolvimento mental de uma criança só pode ser determinado se forem revelados os seus dois níveis: o nível de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal.

Nível de desenvolvimento real refere-se a certos ciclos de desenvolvimento já completados, ou seja, são conquistas já efetivas. Um exemplo deste nível é quando uma criança já sabe fazer determinada tarefa sem ajuda de alguém, faz e sabe fazer sozinha, refere-se a etapas já alcançadas ou conquistadas pela criança, ciclos que já se completaram ou então, nível de desenvolvimento já estabelecido.

Zona de desenvolvimento proximal refere-se aquilo que a criança vai percorrer, aquelas funções que ainda não amadurecerão, por exemplo, quando a criança sabe fazer determinada atividade, mas necessita de instrução, ajuda mediada ou até mesmo observar outra pessoa fazer o determinado processo. Vigotski discerne a respeito deste desenvolvimento: "Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real que se costuma determinar através da solução independente de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes" (VIGOTSKI, 1994: 112).

Para Vigotski aquilo que é hoje à zona proximal amanhã será nível de desenvolvimento real, pois, hoje precisa de ajuda, amanhã saberá fazer sozinha. Enfatizamos que também a zona de desenvolvimento proximal encaixa dentro da Lei Genética Geral do Desenvolvimento Cultural (LGGDC) postulada por Vigotski para explicar sua hipótese de que toda função psicológica superior aparece duas vezes no processo de desenvolvimento humano: primeiro no plano interpessoal,

depois no plano intrapessoal. A relevância de um estudo teórico como esse está, de um lado, em buscar um melhor entendimento de uma intrincada questão; de outro, em incidirem um conceito fundamental para a educação: a relação pensamento/linguagem; a formação de conceitos cotidianos e científicos; a relação aprendizado/ desenvolvimento e a noção de Zona de Desenvolvimento Próximo.

## **O aprendizado e a leitura no ensino escolar**

Diante do que já analisamos é possível afirmar que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem o ensino fundamental. Mas, sabemos que a escola, por oferecer conteúdos e desenvolver modalidades de pensamento bastante específico, tem um papel diferente e insubstituível, na apropriação pelo sujeito a experiência culturalmente acumulada, ou seja, o aprendizado. "Na escola o aprendizado é um resultado desejável, é o próprio objetivo do processo escolar, a intervenção é um processo pedagógico privilegiado" (OLIVEIRA, 1997: 62).

Vigotski distingue dois processos de aprendizado no ser humano, aquele construído na experiência pessoal e os que se desenvolvem no processo escolar dentro da sala de aula. Estabelecidos pelo autor, como o primeiro aquele que se adquire a partir do cotidiano, da observação, manipulação do seu dia a dia. O segundo é estabelecido como um conhecimento científico, sistematizado, adquiridos nas dependências escolares, ou seja, interações escolarizadas. Estes dois processos estão na realidade ligados, pois o segundo complementa o primeiro, pois elabora, desenvolve os conhecimentos já existentes.

Neste sentido Vigotski nos coloca que o aprendizado escolar esta relacionado com o curso do desenvolvimento da criança, conforme afirma Oliveira: "O aprendizado impulsiona o desenvolvimento, então, a escola tem um papel essencial na construção do ser psicológico adulto dos indivíduos, que vivem em sociedade escolarizadas" (OLIVEIRA, 1997: 61). Sendo a atividade humana, resultado do desenvolvimento sócio histórico, visto que, é internalizado pelo indivíduo, constituindo assim sua consciência, seus modos de agir e sua forma de perceber o mundo real, a compreensão do contexto cultural no qual ela ocorre.

Na idéia de Vigotski o aprendizado escolar é necessário e indispensável para o homem, devido o seu desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Por isso, cada indivíduo apresenta um conjunto de estratégias cognitivas que mobilizam o processo de aprendizado. Assim, cada pessoa aprende a seu modo, estilo e ritmo.

## **Leitura dos alunos e aprendizado de professores**

Iniciei meu estágio curricular de Pedagogia em um colégio dos anos finais do ensino fundamental com base no que acima foi dito sobre os estudos de Vigotski. Tendo em vista que a leitura é a arte de ler e cogitar textos, sendo extremamente importante para o homem e também um testemunho oral da palavra escrita com eles iniciei alguns questionamentos. Percebi logo no início do estágio curricular que a leitura era uma atividade dominante dentro das atividades que os estudantes

faziam. Elaborada por todos os professores de todas as áreas, por todos os funcionários e por todos os pedagogos. Enfim a leitura era uma atividade tão corriqueira, comum, que parecia óbvia a todos. Quase todas as atividades da escola eram mediadas pela leitura, até mesmo as atividades orais.

No entanto ao pretender desenvolver uma atividade com os docentes sobre o tema linguagem, observei a falta de interesse pelo assunto, pois na concepção dos docentes, esse assunto provavelmente interessaria aos professores de língua portuguesa. Apesar de o colégio ser localizado na tríplice fronteira do Brasil-Paraguai-Argentina tendo contextos lingüísticos complexos e por também receber alunos surdos bilíngües em Libras e Português, os docentes não demonstraram considerar relevante este tema. Observando os estudos de Vigotski que evidenciam a impossibilidade de haver aprendizado sem uma linguagem, sem palavras nas quais os conceitos possam ser elaborados. Assim, tentando compreender as atitudes daqueles docentes que apesar de trabalharem cotidianamente com a leitura não teorizavam sobre ela, reelaborei meus estudos. Pois entendo que os conceitos escolares são elaborados através da mediação do outro com as palavras, a leitura seria um compromisso de todas as áreas.

A leitura não é somente ler palavras, mas, também ler situações. Assim, podemos vincular o conceito de leitura ao processo de aquisição da prática social. Deste modo, a leitura nos insere em um mundo mais vasto, de conhecimento e significados, nos habilitando inclusive a decifrá-lo. Segundo o autor (CAGLIARI, 1988):

Ler é uma atividade linguística mais complexa do que falar, e só se realiza plenamente quando passa, de maneira adequada e completa, por todos os mecanismos da produção da fala. Uma leitura sem compreensão do texto ocorre frequentemente, quando o aluno é levado a ler como o texto fosse apenas uma transição fonética e achando que sua função como leitor é a de traduzir as letras em sons correspondentes das palavras de determinada língua (p.11).

O assunto leitura se desenvolve em meio a críticas severas ao sistema de ensino de alfabetização e letramento, entretanto, há muito mais por trás da leitura já que o desenvolvimento da mesma não é um processo acabado no momento da alfabetização. Quando o indivíduo aprende a ler, ele não se torna leitor efetivamente, porque apenas adotou a linguagem trabalhada na escola. Ler não é ação neutra, desde modo, tem por finalidade atingir algum objetivo, algum sentido. Assim compreendemos que o elo principal da imaginação com a leitura é a atribuição de sentidos. Souza nos afirma, "na experiência da criança não há limites rígidos entre imaginação e realidade; a forma peculiar com que à criança é capaz de lidar com o mundo objetivo nos permite uma compreensão mais profunda dos mecanismos da atividade criadora no homem" (SOUZA, 2005: 148).

Se a aquisição da leitura é um aperfeiçoamento da atividade cognoscitiva da sua capacidade para assimilar conhecimentos e a criança ao aprender a ler, toma gosto por aquilo e faz com que ela tenha uma emancipação ou aceitação diante dos valores sociais. Sendo assim, como os adolescentes nos anos finais analisam os sentidos atribuídos importância da leitura? E seus professores? Como possibilidade de uma compreensão não só da articulação entre esses sentidos e as diferentes concepções de leitura que perpassam a produção de conhecimento no campo

acadêmico, mas, sobretudo favorece a reflexão sobre como a escola está desenvolvendo o trabalho com a leitura?

A leitura ocupa, sem dúvida, um espaço privilegiado não só no ensino da língua portuguesa, mas também no de todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações. Isso porque a escola é a principal instituição responsável pela preparação de pessoas para o adentramento e a participação no mundo da escrita. Mais especificamente, a leitura, enquanto um modo peculiar de interação entre os homens e as gerações, coloca-se no centro dos espaços discursivos escolares, independentemente da disciplina ou área de conteúdo. Sendo isso verdadeiro, questionei-me porque a leitura e seu desenvolvimento é um tema tão freqüente nos anos iniciais do ensino fundamental e tão ausente nos anos finais?

Leitura, enquanto uma forma de participação, somente é possível de ser realizada entre os homens. Os signos impressos, registrando as diferentes experiências humanas apenas medeiam às relações estas que dinamizam o mundo cultural. Sendo um tipo específico de comunicação, ou melhor de interlocução, a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural.

Tendo conhecimento de que a leitura se constitui de três níveis: nível sensorial se traduz no primeiro contato com o texto ou situação; o nível emocional nos leva a interpretação subjetiva que o nível sensorial nos trouxe; o nível racional busca a interpretação correta, a objetividade dentro da situação ou texto em leitura. Portanto, quando lemos temos a possibilidade de adquirir e ter várias interpretações, porque as novas leituras trazem para nós novas interpretações, e assim, adquirimos mais maturidade facilitando o entendimento do texto lido. Questiono-me como transmitir isso aos professores.

Observei que as leituras dos jovens se distinguem em dois pólos: O primeiro é formal, quando a leitura é direcionada, imposta, lida apenas por obrigação, sendo como uma regra dos conteúdos dos livros didáticos. O outro é informal ou as leituras das atividades de cada professor, é uma atividade particular de cada aluno, ou seja, uma leitura que agrada e lhe de prazer a si mesmo, uma leitura que motiva o aluno a querer buscar mais conhecimento, amadurecimento, mobilização do seu raciocínio, imaginação, relacionando a leitura com seu contexto. Esse segundo momento da leitura, como atividade informal, na qual é possível ver até mesmo os estudantes brincando mediados pela leitura ou pelos duplos sentidos das palavras na linguagem oral vejo que carecem de mais descrição etnográfica.

Neste ponto é importante lembrar que todo professor, por adotar um livro ou mesmo por produzir ou selecionar seus textos, transformando-se, necessariamente, num co-responsável pelo ensino e encaminhamento da leitura. Em outras palavras, a leitura é uma exigência que está presente nas disciplinas acadêmicas oferecidas pela escola e, por isso mesmo, os respectivos professores são implicitamente orientadores de leitura. Portanto, a função do professor não seria a de ensinar a ler, ensinando a decifrar códigos, pois, ensinar a ler não significa apenas alfabetizar, mas sim saber outros sentidos produzidos na leitura.

Sabendo que os alunos de ensino fundamental não gostam de ler aquilo que os professores acham que eles deveriam e devem. Neste sentido, os professores realizam atividades e indicações de leituras relacionadas aos interesses dos alunos, ou seja, os professores aprenderam observando e convivendo com os alunos, saber estabelecer com eles uma relação de partilha de prazer e principalmente de aprendizado. Oferecendo-os um modelo de leitura criativa em que o leitor

complementa a obra, através da contribuição pessoal, numa verdadeira experiência transaccional construtivista. Segundo o autor (SOUZA, 1989):

Só conseguiremos pensar no caminho da criança, na leitura, e posteriormente, na leitura dos adultos, enquanto lazer, se pensarmos conjuntamente no trabalho do professor como possibilidade de prazer e na trajetória de leitura de ambos, num fluxo de ida e volta: da obrigação ao lazer; do lazer à obrigação (pp.9-10).

Assim, também, os professores podem ajudar aos alunos a criar um hábito de leitura, para que o aluno não se distancie cada vez mais da leitura. Mas, sempre cuidando para que não se crie uma atividade de leitura apenas para formar hábitos, mas que compreende uma atividade de natureza intelectual que permite o aprendizado e a significação da leitura ao aluno. A triangulação entre professor, texto e aluno não sejam minimizados.

Portanto, não devemos abandonar a leitura dos adolescentes dos anos finais do ensino fundamental, pois, a leitura está dentro de um processo que parte da passagem de uma leitura ingênua para o uso do imaginário e da reflexão do aluno, portanto, o prazer da leitura no ensino fundamental deve ser conquistado nos caminhos da interpretação.

Ler importa, pois, aquele que lê luta por constituir-se como sujeito social e histórico de ações significantes. A leitura se constitui como um processo de mediação entre o contexto e o leitor. Pois, o sujeito leitor é capaz de dotar-se e instrumentalizar-se para tomar consciência da realidade e transformá-la. Nesse sentido, a prática da leitura é vista como de natureza política, e tendo como uma de suas funções, à contribuição para libertar o homem de sua alienação e também de promover a mudança social, num movimento que relaciona leitura e ideologia. Por isso, devemos ler e querer ler, para que possamos construir conhecimento pessoal e amando a vontade de saber, compreender, refletir cada vez mais.

Para Vigotski um único bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento, pois, os processos de desenvolvimento precisam da ajuda do ensino, para que a educação possa desenvolver estes processos psicológicos, assim, determinar quais são os bens e a atividade própria do homem. Ensinando ao aluno a pensar, interpretar e apropriar-se do conhecimento elaborado e mediado pela palavra, pelos signos, pelos significados e sentidos, enfim pela linguagem.

### **Considerações finais**

Em resumo, podemos afirmar que, no processo histórico de desenvolvimento do aprendizado do ser humano, é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas, sendo este mesmo, mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de capacidade para pensar sobre várias coisas.

Cabe, porém, salientar na análise de Vigotski, que o aprendizado não é desenvolvimento, portanto, o aprendizado organizado resulta em desenvolvimento mental e coloca em movimento vários processos de desenvolvimento que seriam impossíveis de acontecer. Recordamos então, que o estado de desenvolvimento mental de uma criança só pode ser determinado se forem revelados os seus dois níveis: o nível de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento proximal.

O aprendizado para ser válido, tem que ter um bom ensino, sendo aquele que se adianta ao desenvolvimento, pois, os processos de desenvolvimento precisam da ajuda do ensino, para que a educação possa desenvolver estes processos psicológicos, assim, determinar quais são os bens e a atividade própria do homem. Ensinando ao aluno a pensar e apropriar-se do conhecimento elaborado.

Este trabalho buscou apresentar um estudo no qual possa resenhar um conhecimento a respeito das características do aprendizado do ser humano e sua relação com o aprendizado e o desenvolvimento da leitura.

### **Referências bibliográficas**

CAGLIARI, L. C. **A leitura nas séries iniciais**. Leitura: Teoria e Prática, Campinas, v.7, n.12, pp.4-11, 1988.

OLIVEIRA, M. K. de. **História, consciência e educação**. Coleção memória da pedagogia: Lev Semiovich Vygotsky. São Paulo: Segmento-Duetto, n.2, p.6-13, 2005.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento**. São Paulo Scipione, 1997.

SOUZA, M. L. Z, de. **A criança e a leitura: da obrigação ao lazer**. Leitura: Teoria e Prática, Campinas, v.8, n.13, pp.5-10, 1989.

SOUZA, S. J. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

VIGOTSKI, L. S. Formação Social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N.; VYGOTSKY, L. S. Psicologia e pedagogia. São Paulo: Centauro, 2005.

---

[1] Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - PIC-V/Unioeste